

ROGER IAN WRIGHT

Texto de Lars Grael—Grande Amigo

Junho de 2013

Roger Ian Wright é destes raros amigos que conhecemos em uma existência.

Conheci-o em um almoço em sua casa alugada na Praia de manguinhos nos meados dos anos 80. Não esqueço que neste almoço servi-me de pimenta achando que era molho a campanha. Só em pensar, minha boca arde até hoje.

Roger era oriundo da classe Hobie Cat 16 de quando morou em Porto Alegre. Encantou com o Tornado, historicamente praticado em Buzios. Tornou-se um de nós.

Nos anos que estive semi-afastado do Tornado, voltei à classe convencido pela empolgação do Roger. Em parceria com ele, voltei às competições oficiais na Miami Olympic Regatta em 1994. Experimentamos a Vela Oceânica com os competitivos Mumm 36 em Key West, na Florida, mas ele queria mesmo era a velocidade e o desafio dos multicascos.

Em 1995, formou dupla com meu ex-proeiro e amigo-irmao, Clinio Freitas, outro cúmplice de ideais e valores. Ainda assim, foi capaz de abdicar de seu próprio interesse e adquirir outro Tornado para que eu me preparasse para Atlanta, já em dupla com o Kiko Pellicano.

Após a conquista da medalha em 1996 aonde o Roger foi um dos artífices, passamos a pensar em levantar a classe que até então sempre tinha sido pequena no Brasil.

Roger deu lição de resiliência após a tragédia familiar ocorrida em 1996. Surgiu daí a Taça Barbara Wright realizada anualmente em Buzios entre os amantes de multicascos.

Concebemos um calendário sólido, participações internacionais e a aquisição inédita de 12 barcos em regime de consorcio. Colocamos 7 equipes brasileiras no Mundial de 1997 nas Bermudas.

O ano de 1998 foi a concretização de nosso projeto com a memorável organização do Campeonato Mundial da classe Tornado em Buzios. Do sonho da classe Tornado com 4 barcos no quintal da casa do bento Ribeiro Dantas até os cerca de 70 barcos que elegantemente decoraram o mar de Buzios.

1998 tinha tudo para ser perfeito, até que a vida pregou nova fatalidade, desta vez comigo. Mais uma vez o destino colocou Roger e Clinio a metros do meu salvamento. Foi Roger quem tratou de tudo. Da minha remoção para o Hospital Albert Einstein em SP, a escolha dos melhores médicos e ate um período de hospedagem em sal casa no Morumbi até que eu tivesse condições de regressar para Niterói.

Momentos difíceis onde os verdadeiros amigos mostram seus valores.

Separados por conta do destino, Roger nos multicascos e eu de volta aos monocascos, tivemos outro susto. Desta vez na Regata Santos- Rio de 2000 quando Roger caiu ao mar na penumbra de uma tarde com mar e vento. Foi prontamente resgatado. Um susto e muita risada!

Vivemos depois uma fase onde o prazer do convívio e as amplas discussões sobre os rumos de nosso país foram além dos projetos de Vela.

Num jantar em Atenas 2004 regado a bom vinho e na alegria da comemoração da conquista da medalha de ouro do Torben Grael e Marcelo Ferreira, surgiu a discussão sobre qual seria nosso próximo projeto de Vela. Foi o Torben quem concebeu o desafio da Classe 12 metros tomado pro sua experiência de America's Cup, competições de 12 metros em 1999 e 2001 e influenciado pelo ícone material de nossa família Schmidt que é o elegante e histórico veleiro da Classe 6 metros "Aileen".

Combinamos tudo e passados meses, achei que era conversa de bêbado. Foi o Roger quem me ligou cobrando se eu não iria viabilizar o nosso "Tratado de Atenas".

Semanas de consulta a Internet e a permanente consultoria do Torben permitiram-nos localizar o sofrido 12 Metros KZ-3 "Kiwi" (ex-New Zealand) na Inglaterra. Semanas depois, estavam lá os medalhistas olímpicos Clinio Freitas e Edu Penido para o reconhecimento de nossa presa. Era o inverno de 2004/2005 quando o KZ3 rumou para Newport para o seu completo refit. Edu Penido tornou-se então o skipper e zelador de nossa imensa nau de competição.

Definimos com clareza nosso objetivo para o ano inicial. Um barco competitivo com uma tripulação mista de amigos brasileiros da Vela com alguns profissionais experientes com este tipo de barco. Queríamos adquirir experiência e terminar o ano de 2005 como uma tripulação respeitada na aristocrática casa da America's Cup (1851 até 1983). Excedemos nossa expectativa. Aprendemos muito com erros e acertos e nos sagramos Vice-Campeões Mundiais. Superamos até a temida e experiente equipe do KZ7 comandada pelo lendário Bill Koch, vencedor da America's Cup de 1993. No final da temporada concebemos com pontaria certa nosso objetivo para os anos vindouros. Tomamos a decisão de investimentos no "Wright on White" visando 2006 e 2007.

2006 foi o ano que concebemos conhecer profundamente o "Wright on White" com sua nova revolucionária quilha. Era o momento de lapidar a escolha dos tripulantes e terminar o ano como uma tripulação candidata ao título mundial de 2007. Vencemos 2 campeonatos em Newport, fomos vice-campeões (critério de desempate) em Martha's Vineyard e perdemos o título Norte Americano por nuances polemicas do nosso esporte. Target alcançado e toda definição do polimento na escolha definitiva dos tripulantes, velas e logística do ano alvo.

2007 ano de realizações. Começamos com a conquista marcante da etapa de Valencia no próprio palco da America's Cup. A presença do Torben foi determinante para nossa evolução técnica. Na sequência, o vice-título na etapa de Porto Cervo, Sardenha, ratificou nossa boa fase e evidenciou nossas pequenas fragilidades.

Chegou o grande momento, o campeonato Mundial em Cannes. Dias tensos e competição feroz contra alguns dos nomes mais importantes da história da Vela. Ao final a contradição da euforia de nossa conquista com a frustração da não validação do título mundial porque menos de 4 regatas foram validadas. Levamos a conquista da Regata Royales e o reconhecimento coletivo quanto a melhor equipe de 12 Metros do Mundo em 2007.

Fechamos a temporada com inesquecível participação em St. Tropez. Vice-título na etapa (critério de desempate) e a merecida conquista da Centennial Cup da Classe 12 Metros.

Conquistamos títulos, aprendemos a dominar a alta elite da Vela Mundial e fazer com que a Vela Brasileira seja respeitada além das fronteiras da Vela Olímpica. Mais do que isto acima, conquistamos amigos. Talvez, este o maior legado.

Constituímos uma família, uma confraria dos amantes da Vela. Provamos que um projeto eminentemente amador em seu conceito e administrado profissionalmente é capaz de gerar satisfação, reconhecimento e garbo para seus criadores, integrantes e agregados.

Devemos a muitos que estiveram no KZ3 "Wright on White" a bordo todo o tempo, ou, parte dele. Devemos aquele que mesmo no apoio terrestre, no falível bote de apoio, numa prancheta de projetos, no chão de uma velaria, ou no suporte em um escritório, propiciaram a realização de um grande sonho coletivo. Surreal para a Vela Brasileira.

Escrevemos novo capítulo da história da Vela Brasileira, assim como, a marcante participação do Brasil 1 na Volvo Ocean Race.

Devemos muito ainda a Lucila por sua nova paixão de vida. Devemos muito ao Roger pelo amigo especial que é. OBRIGADO!